



AFLUENTE: REVISTA DE  
LETRAS E LINGUÍSTICA  
ISSN 2525-3441

REVISTA AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

V. 7, N.21, P.58-76

DOI: 10.18764/2525-3441V7N21.2022.18

# TEORIA DOS CAMPOS LEXICAIS: CONCEITOS REVISITADOS EM UM OLHAR ESPECIAL PARA A SEMÂNTICA DE COSERIU

*THEORY OF LEXICAL FIELDS: REVISITED CONCEPTS AND A SPECIAL LOOK AT COSERIU'S SEMANTICS*

Thyago José da Cruz

<http://orcid.org/0000-0001-5562-8485>

**Resumo:** A noção de “campo”, nos estudos lexicais, parte de uma Semântica de base estruturalista. O início dessa discussão se desenvolveu antes mesmo da redação do Curso de Linguística Geral (CLG), de Ferdinand Saussure. Contudo, foi a partir de Coseriu (1981) que se pode notar um desenvolvimento de uma metodologia apropriada e de base majoritariamente linguística. Este artigo, portanto, busca elencar e discutir acerca desses estudos semânticos voltado à delimitação e à construção de campos lexicais, citando alguns antecessores de Coseriu até chegar aos postulados deste. Por isso, fez-se necessário definir sob este prisma termos como lexema, arquilexema, sema, campo associativo, rede semântica, campo conceitual, classe lexical, oposições e dimensões (embora algumas dessas concepções tenham se originado ou compartilham presença em teorias de outros pesquisadores, torna-se pertinente neste trabalho para a compreensão do recorte escolhido). Espera-se que os conceitos revisitados e os exemplos demonstrados corroborem para o entendimento desses postulados tão caros às pesquisas em Semântica Estruturalista e tão utilizados nela.

**Palavras-chave:** Semântica Estruturalista; Campo Lexical; Eugenio Coseriu.

**Abstract:** The notion of “field”, in lexical studies, starts from a structuralist-based semantics. The beginning of this discussion took place even before the writing of the Course in General Linguistics (CGL), by Ferdinand Saussure. However, it was from Coseriu (1981) that an appropriate and mostly linguistic-based methodology could be developed. This paper, therefore, seeks to list and discuss these semantic studies aimed at delimiting and building lexical fields, citing some of Coseriu's predecessors until reaching his postulates. Therefore, it became necessary to define terms such as lexeme, archilexeme, sema, associative field, semantic network, conceptual field, lexical class, oppositions and dimensions (although some of these conceptions originated or share presence in the theories of other researchers), becomes relevant in this work for the understanding of the chosen cut. It is hoped that the concepts revisited and the examples demonstrated corroborate for the understanding of these postulates so dear to research in Structuralist Semantics and so used in it

**.Keywords:** Structuralist Semantics; Lexical Field; Eugenio Coseriu



## INTRODUÇÃO

A tentativa de responder o que seria um “campo”, no que se refere às investigações de sentido de um lexema, levou muitas escolas linguísticas a se direcionarem a estudos relativos ao plano de conteúdo do signo, no decorrer do século passado. O conceito de campo advém de uma semântica de fundamentos estruturalistas. O início dessa discussão se desenvolveu antes mesmo da redação do Curso de Linguística Geral (CLG), como se pode verificar nos trabalhos de Meyer (1910), o primeiro a demonstrar, de um modo detalhado, a ideia de campo. Segundo Geckeler (1976), para aquele filólogo, um “sistema semântico” consistiria em um grupo de quantidade limitada de elementos desde uma perspectiva individual, sendo que caberia à semiologia determinar, primeiramente, para cada palavra, à(s) qual(is) sistema(s) semântico(s) ela pertenceria e qual seria o fator sistematizador e diferenciador desse sistema.

Saussure, por sua vez, demonstra que os lexemas formam um sistema no qual cada um adquire um valor mediante sua oposição com outros elementos desse sistema linguístico. Nesse contexto, o mestre genebrino entende que cada palavra lexical se comporta como o centro de uma “constelação” de associações. Em um esquema adaptado do CLG, se ilustra, a seguir, esse fundamento de Saussure:

**Figura 01:** Constelação de associações (Saussure)



**Fonte:** Elaboração própria, com base em Saussure (2001 [1972]), 2020



É possível notar que a unidade lexical “progresso”, neste caso, ocupa a posição central da constelação de associações. A ela estão associadas as demais unidades lexicais: “egresso” e “sucesso” (por sua forma fonética das sílabas finais); “evolução” e “melhoramento” (pelo seu conteúdo semântico); e “progredir” e “progredimos” (por seus fonemas e pela forma de seus radicais).

As considerações de Trier, que tomam como parâmetros o princípio de redes associativas de Saussure, sugerem que as palavras não podem ser consideradas de modo isolado, mas sim devem estar relacionadas semanticamente umas às outras – o que torna evidente, nesse contraste, a posição estruturalista da teoria. Assim, para aclarar essa ideia de campo lexical, conforme demonstra Geeraerts (2010), Trier ilustra o conceito comparando-o com um mosaico, isto é, tanto a substância do conhecimento humano quanto o conteúdo cognitivo estão divididos, graças à linguagem, em pequenas áreas contíguas, assim como ocorre em um mosaico em que se separam espaços bidimensionais por meio de pedras contíguas.

Outro pesquisador que dedicou seus estudos à noção dos campos foi o sociólogo G. Matoré, que ao perceber uma diferença clara entre a “semântica” e a “lexicologia”, decidiu voltar a sua atenção primordialmente a esta última, haja vista que acreditava ser ela uma ciência auxiliar da sociologia.

Matoré, na obra *La Méthode en Lexicologie: Domaine Français*, de 1953, calcado em uma visão estruturalista, argumenta que as palavras, no que se refere à consciência dos falantes, não se encontram isoladas, mas estabelecem com as suas vizinhas relações sintagmáticas. Em adição a isso, as palavras se unem a outras que se assemelham, tanto pela forma como pelo sentido, constituindo, desse modo, uma relação associativa. No entanto, diferentemente de Saussure, Matoré defende que esses processos ocorrem graças ao papel que o fator social exerce na organização do vocabulário, isto é, a hierarquia que há entre elas é um produto de ordem sociológica e não morfológica (CAMBRAIA, 2013).

Na vertente do estruturalismo europeu, não há somente um caminho para se pôr em prática a análise de sentido de um lexema, como se pode perceber em Pottier (1971), Coseriu



(1981, 1987) e Greimas (1966). Neste trabalho, no entanto, é demonstrado, nos tópicos seguintes, somente o que se refere à teoria lexemática de Coseriu (1981), pelos seguintes fatores: Greimas (1966) acaba por expor os mesmos princípios básicos dos outros dois semanticistas; ademais, embora Pottier (1971) e Coseriu (1981) se aproximem em vários pontos (como, por exemplo, a descrição das relações paradigmáticas e sintagmáticas), este último volta-se, sobretudo, para o estudo da significação nas línguas, excluindo aquilo que remete ao discurso ou ao texto.

Disserta-se, portanto, nos próximos tópicos, sobre a descrição da teoria lexemática de Coseriu (1981, 1987). Sempre que se pareça pertinente, outros teóricos serão apresentados a fim de corroborar com os tópicos abordados. Perpassa-se, portanto, pelas delimitações e exemplificações de campos lexicais, campos conceituais, classemas, campos dimensionais, rede semântica associativa e classemas. O tópico a seguir, propõe-se a demonstrar alguns conceitos essenciais para que se possa compreender mais claramente a teoria de Coseriu sobre os campos lexicais.

61

Cabe destacar ainda que este presente artigo é resultado de uma pesquisa de doutoramento, cujo enfoque foi a elaboração de um dicionário ideológico de locuções e que empregou, em determinadas etapas da elaboração da tese, a teoria e análise dos campos lexicais.

### **ALGUNS CONCEITOS DE SEMÂNTICA ESTRUTURALISTA ESSENCIAIS À TEORIA DOS CAMPOS LEXICAIS DE COSERIU (1981)**

Antes de adentrar à teoria do campo lexical de Coseriu (1981), são discutidos alguns conceitos de semântica estruturalista que se consideram fundamentais para a compreensão da teoria e metodologia dos campos lexicais.

Lyons (1977), partindo de um ponto de vista semântico-estrutural, sustenta a ideia de que a estrutura lexical de uma dada língua pode ser visualizada, metaforicamente, como uma teia cujos fios estão inter-

---

1 Essa obra reúne, em um só compêndio, textos publicados em revistas, atas de congressos ou proferidos em colóquios entre os anos de 1964 e 1976.

relacionados, sendo que cada nó dessa teia constituiria um lexema diferente em nossa língua. As palavras, portanto, não são capazes de ser definidas independentemente, mas se relacionam semanticamente a outras e, ao estar em relação de oposição entre si, possuem o seu sentido delimitado.



Para a descrição semântica dessa estrutura lexical, nota-se a importância da explanação sobre a análise componencial, haja vista que, conforme Villafañe<sup>2</sup> (2007) “En la esfera epistemológica de la teoría del campo léxico o semántica paradigmática desarrollada en Europa se inscribe también, desde el punto de vista teórico y metodológico, el conocido análisis componencial”. A partir dessa exposição, seguem as considerações sobre esse tipo de análise.

Lyons (1977) define a análise componencial, ou decomposição lexical, como um modo de se tornar formalizadas ou absolutamente precisas as relações de sentido que os lexemas mantêm entre si. Para tanto, há uma decomposição do sentido do lexema em seus elementos constituintes. Metaforicamente, imagina-se esse processo como um pequeno quebra-cabeça, de quatro peças, já montado. Este seria como um lexema e cada uma de suas peças, o seu elemento constituinte. Com a análise componencial, isto é, a separação das peças, é possível observar detalhadamente cada um desses quatro elementos inter-relacionados, detentores de características próprias, as quais contribuem para a formação completa do quebra-cabeça.

Não há somente um caminho para se pôr em prática a análise componencial de sentido de um lexema. Neste trabalho, demonstram-se somente as baseadas nas teorias de as de Pottier (1971), por terem sido integradas à teoria de campo lexical ampliada por Geckeler (1976), a partir de Coseriu (1981), e que foram adotadas na referida pesquisa doutoral deste autor (CRUZ, 2020).

---

2 “[...] na esfera epistemológica da teoria do campo lexical ou da semântica paradigmática desenvolvida na Europa se inscreve também, desde o ponto de vista teórico metodológico, a conhecida análise componencial” Disponível em: [http://www.scielo.org/ve/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0459-12832007000100003](http://www.scielo.org/ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0459-12832007000100003) Acesso em: 12 jan. 2018.



Na semântica estrutural, principalmente a de base hjelmsleviana, defende-se que um signo possa ser submetido a um processo analítico até que se encontrem os traços mínimos em seu plano de conteúdo. Essas unidades mínimas distintivas são denominadas de semas, as quais se ordenam em feixes hierarquizados e se tornam unificados em um mesmo efeito de sentido – os sememas.

Pottier (1971), por sua vez, disserta sobre a existência do semema absoluto (trata-se do semema com semas constantes: no caso de cadeira, por exemplo, seus semas constantes podem ser /com encosto/ + /com pés/ + /para sentar-se/ + /para uma pessoa/); e do semema relativo (corresponde a um semema relativo a um determinado conjunto, só ocorrendo quando houver a comparação entre dois sememas, pertencentes a um mesmo conjunto de objetos, ou seja, a um mesmo campo semântico: “cadeira” e “poltrona” estão inclusos no mesmo conjunto, o dos móveis, e relativamente se definem como possuidores de semas comuns – /para sentar-se/ – no entanto, diferem-se justamente pelo acréscimo de semas, tais como /com braços/, para poltrona, inexistente em cadeira (segundo o exemplo dado por Pottier). No que se refere ao sema que domina um campo semântico, este autor o denomina como arquissemema (neste exemplo, seria o sema de /assento/).

A compreensão desses conceitos – tais como os de sema, arquissemema e semema – permite ao pesquisador ter um melhor entendimento da análise componencial abordada por Geckeler (1976), quem, por sua vez, baseou-se principalmente nos postulados de Coseriu (1981), explanados na seção seguinte.

### **O CAMPO LEXICAL PARA COSERIU: CONCEITOS, DESCRIÇÃO E ANÁLISE**

Coseriu (1981) entende que os campos lexicais pertencem a uma das relações ocorrentes na língua, a das estruturas lexemáticas de ordem primária, pois: “[...] no implican ninguna otra palabra, corresponden a la experiencia inmediata, en oposición a las estructuras secundarias, que afectan a la modificación de un elemento primario (dominio

de la formación de palabras)”<sup>3</sup> (GECKELER, 1976, p. 231). Além disso, acrescenta que os lexemas estão dispostos em lugares determinados na cadeia da fala e acabam formando um sistema de oposições, um paradigma. Conforme o linguista,



[...] Un campo léxico es un conjunto de lexemas unidos por un valor léxico común (valor del campo), que esos subdividen en valores más determinados, oponiéndose entre sí por diferencias mínimas de contenido léxico (‘rasgos distintivos lexemáticos’ o semas) [...] Un campo está representado muchas veces por una palabra “archilexemática” correspondiente a su valor unitario, pero esto no es necesario para que el campo exista como tal (COSERIU, 1981, p. 135).<sup>4</sup>

Coseriu (1981) salienta que os campos ainda podem assumir vários níveis de estruturação, sendo que um campo de um determinado nível pode estar incluído em uma unidade de outro nível que lhe é superior, como, por exemplo, o campo lexical “assento” que pode incluir-se num nível superior como “móveis”.

Geckeler (1976), baseado na teoria de Coseriu (1981) admite que para a compreensão da teoria dos campos é necessário ter bem clara a definição dos seguintes termos: lexema – “Toda unidad dada en la lengua como palabra simple es, desde el punto de vista del contenido un lexema”<sup>5</sup> (GECKELER, 1976, p. 232); arquilexema – unidade correspondente a todo o conteúdo de um dado campo lexical; e sema – tratam-se de traços semânticos distintivos mínimos relacionados à análise do conteúdo. Para o lexema “garanhão”, por exemplo, quando nos referimos aos equinos, poderia haver os seguintes semas: /não castrado/, /herbívoro/, /veloz/ e

---

3 “não implicam nenhuma outra palavra, correspondem à experiência imediata, em oposição às estruturas secundárias, que afetam a modificação de um elemento primário (domínio da formação de palavras)” (GECKELER, 1976, p. 231). Todas as traduções presentes neste artigo são de responsabilidade deste presente pesquisador.

4 “um campo lexical é um conjunto de lexemas unidos por um valor léxico comum (valor do campo), cujos lexemas se subdividem em valores mais determinados, opondo-se entre si, por diferenças mínimas de conteúdo lexical (“traços distintivos lexemáticos” ou semas) [...] Um campo está representado muitas vezes por uma palavra “arquilexemática”, correspondente ao seu valor unitário, mas este não é necessário para que o campo exista como tal” (COSERIU, 1981, p. 135).

5 “Toda unidade dada na língua como palavra simples é, desde o ponto de vista do conteúdo, um lexema” (GECKELER, 1976, p. 232).



/meio de transporte/. O arquilexema para os campos de “ganhão”, “capão”, “potro macho” seria o de “cavalo”.

No que se refere ao método coseriano sobre a teoria dos campos lexicais, há algumas questões que devem ser mais bem detalhadas. A primeira delas refere-se à comparação estabelecida entre as estruturas fonemáticas e as lexemáticas.

Assim como se pode identificar a substância no plano de expressão, por meio dos traços distintivos na análise fonológica, é possível observar nas estruturas lexicais, ao se contraporem os traços, a substância no plano de conteúdo.

A segunda questão relaciona-se às noções de campo associativo, campo conceitual, classe lexical e campo lexical, quando se detém no processo metodológico da elaboração dos campos. A noção de campo associativo parte dos postulados de Bally, quem, por sua vez, seguiu o princípio da rede associativa de Saussure. Para ele, esse campo se configuraria como “[...] halo que rodea al signo cuyas franjas exteriores se confunden con su ambiente”<sup>6</sup> (BALLY *apud* GECKELER, 1976, p. 198). Como ilustração, Bally apresenta o clássico exemplo sobre o lexema “boi”, ou seja, essa UL remeteria à “vaca”, a “touro”, “bezerro”, “chifres”, “mugido”, “trabalho”, “força”, “jugo”, “açougue”, “matadouro”, dentre outros. Coseriu, ao discutir sobre essa teoria, acredita não ter ela nada de linguístico, pois as palavras e a realidade extralinguísticas não estão organizadas por meio de critérios de relação opositiva, o que seria fundamental, para uma devida análise estrutural da semântica léxica.

Para a construção de uma rede semântica associativa de unidades lexicais, Biderman (1981, p. 141-143) demonstra um viés possível de análise, por meio da relação de associações por contiguidade, similiaridade e de oposição de contrários. Aquelas podem configurar-se por:

relações paradigmáticas: por meio do significante, isto é, associação de elementos que possuam uma família de cognatos com um radical em comum (como em “estufar” e “estufado”); por associação do significado, por meio de sinônimos (“período” e “tempo”); e por associação do signo como

<sup>6</sup> “um halo que circula o signo e cujas faixas exteriores se confundem com o ambiente” (BALLY *apud* GECKELER, 1976, p. 198).



um todo, ao considerar tanto o significante como o significado (podem ocorrer por derivação do código linguístico – como em “cobre”, como “metal” e “cobres”, “dinheiro”; por conhecimento de mundo por parte dos interlocutores, de natureza extralinguística – como em “bezerro, boi, vaca e touro”; e aquelas que dependem da cultura da comunidade linguística em questão; como “coruja” e “mau-agouro”;

relações sintagmáticas: resultantes da combinação frequente entre elementos lexicais, como ocorrem nas colocações: “tirar leite” e “calor escaldante”;

relações de oposição de contrários: incluem-se as relações de contrário, como, por exemplo, as formas antonímicas. Uma rede semântica de fogo deveria incluir campos lexicais opostos, como água, frio, etc.

No que diz respeito ao campo conceitual, por sua vez, baseado ainda em Coseriu, nota-se que nem todo campo conceitual é um campo lexical, mas todo campo lexical é um campo conceitual, haja vista que este pode englobar também um campo terminológico, como os termos “processo”, “juízo”, “sentença”, “absolutório”, “acórdão” que pertencem à terminologia jurídica. Além disso, Coseriu (1981) esclarece que um lexema se relaciona a um conceito, enquanto um conceito pode referir-se tanto a um lexema como a um conjunto deles, como em “A Guerra dos Farrapos”, em que há um conceito atrelado a um pequeno grupo de lexemas.

Já a classe lexical possui uma estreita relação com os estudos de classema e do campo lexical. Aquela é compreendida como a detentora de lexemas que se comportam de modo análogo, podendo assumir as mesmas funções gramaticais na cadeia da frase e aparecer em combinações léxicas e gramaticais análogas. Podem subdividir-se em classes determinantes (as caracterizadas por classemas, como as classes de “pessoas” e “animais”) e as classes determinadas (caracterizam-se pelos traços distintivos, como em “perna”, que se refere à classe das “pessoas”, e “pata”, referente à classe dos “animais”). O classema, por sua vez, se caracteriza como um traço pelo qual se define uma classe, sendo fundamental também para o campo lexical.

A relação entre campo lexical, classema e classe lexical, segundo Geckeler (1976, p. 243-245), ainda fundamentado em Coseriu, pode se estabelecer de três modos distintos:



quando um campo lexical em sua totalidade funciona dentro de uma dada classe (o campo “relações de parentesco” está todo ele incluso na classe de “seres humanos”); quando um clasema divide um campo lexical, ao funcionar dentro dele (como o campo léxico relativo à idade que se divide pelo clasema “para seres humanos”), quando um clasema atravessa um campo lexical, mas este dependerá de outros fatores (como o contexto) para a determinação de sua classe (como o caso do verbo “comer”, que dependerá do contexto para ser destinado à classe de transitivo ou de intransitivo).

Embora conceitualmente muito próximas, Coseriu salienta que o campo lexical não pode ser confundido com a classe lexical, uma vez que aquele está condicionado ao conteúdo léxico e manifesta-se também pelas combinações lexicais, fatores não obrigatórios a uma classe, que pode sujeitar-se à natureza gramatical do lexema envolvido. Outrossim, com relação aos apelativos, cada um deles pertencem “[...] a un campo léxico, pero no necesariamente a una clase; así por ejemplo, [...] ‘despertador’<sup>7</sup>, es clasematicamente indeterminado en sí mismo, puede designar tanto un ser vivo como también un objeto” (COSERIU, *apud* GECKELER, 1976, p. 245)<sup>8</sup>.

Para Coseriu, assim como ratificou Geckeler (1976), os critérios mais importantes para uma teoria dos campos lexicais estão fundamentados em alguns conceitos importantes, a saber: 1- o de lexema, arquilexema e sema; 2- o de oposições (graduais, equipolentes e privativas); 3- as dimensões. Sobre o primeiro, já foi explanado. Reservou-se um momento para expor sobre o segundo e o terceiro.

No âmbito de um campo lexical, são as relações internas que irão determinar as identidades e as diferenças dos elementos que o constituem,

---

7 O exemplo dado por Coseriu foi o de “despertador”, mas ao se traduzir para a língua portuguesa, para não perder a coerência na teoria, preferiu-se empregar o lexema “apontador”, que pode referir-se tanto a uma pessoa (aquela que fabrica pontas de instrumentos) ou a um objeto (utilizado para fazer a ponta de um lápis).

8 “[...] a um campo lexical, mas não necessariamente a uma classe, assim, por exemplo, [...] ‘apontador’ é clasematicamente indeterminado em si mesmo, pode designar tanto um ser vivo como também um objeto”. (COSERIU, *apud* GECKELER, 1976, p. 245)



isto é, as oposições semânticas que nele estão presentes. Há três tipos básicos de oposições: a gradual (demonstra graus diferentes de uma mesma propriedade, como em “morno/quente” e “frio/fresco” que possuem um grau de oposição numa mesma propriedade, isto é, a da temperatura); a equipolente (em que cada lexema apresenta um traço distintivo, são logicamente equivalentes e não o consideramos como grau – nem como afirmação ou negação – de uma propriedade. Os lexemas referentes a cores, como “vermelho”, “amarelo” e “azul”, estão em oposição equipolente); e a privativa (quando um elemento da oposição se caracteriza pela presença de um traço e o outro, pela ausência dele, como os adjetivos “excesso” e “escassez”, que se diferenciam basicamente pela presença e pela ausência do traço /quantidade/).

Fundamentar-se somente no critério das oposições para a delimitação e classificação dos campos lexicais, embora aquelas sejam o ponto de partida para a análise destes, pode se tornar, segundo as palavras de Coseriu (1981), um tanto quanto insuficiente, pois as oposições se subordinam a um outro conjunto de critérios, denominados de dimensões (ou de critérios semânticos). Em outras palavras, em um campo lexical, a sua estruturação e funcionamento dependem não somente das oposições, mas da sua relação com a realidade extralinguística que elas organizam. Uma dimensão, portanto,

[...] es el punto de vista o el criterio de una oposición, es decir, en el caso de una oposición lexemática, la propiedad semántica a la que esta oposición se refiere: el contenido con respecto al cual ella se establece y que, por lo demás, no existe – en la lengua considerada – sino en virtud, precisamente, del hecho de que es el soporte implícito de una distinción funcional (COSERIU, 1981, p. 217).<sup>9</sup>

As dimensões se comportariam, a partir do ponto de vista coseriano, como uma escala gradativa para as oposições existentes entre os lexemas de um dado campo, cuja configuração estaria sujeita ao número dessas

---

9 “[...] é o ponto de vista ou o critério de uma oposição, isto é, no caso de uma oposição lexemática, a propriedade semântica a que esta oposição se refere: o conteúdo com respeito ao qual ela se estabelece e que, no demais, não existe – na língua considerada – a não ser graças, precisamente, ao fato de que a ele se refere uma oposição, ou seja, ao fato de que é o suporte implícito de uma distinção funcional” (COSERIU, 1981, p. 217).



dimensões e aos tipos de oposições que se estabelecem por meio delas. A título de exemplificação, notam-se os elementos “congelado-frio-fresco-morno-quente”, do campo dos adjetivos referentes à temperatura, para a dimensão semântica “grau relativo à temperatura atestada pelo sentido térmico” (COSERIU, 1981, p. 218); ou para o campo dos substantivos referentes às etapas da vida de um ser humano, os elementos “bebê-criança-adolescente-adulto-idoso” concernentes à dimensão semântica de “grau relativo às etapas da vida de um ser humano”, além de outras possíveis, tais como ‘gênero’ (masculino/feminino); graus de parentesco (parentesco natural/ parentesco social), dentre outros.

Ainda sobre as dimensões que atuam em um campo lexical, elas podem ser subdividas como as que possuem somente um campo dimensional, sendo denominadas de unidimensionais (ou simples ou lineares) e as de mais de um campo de dimensão, as conhecidas como pluridimensionais (ou complexas).

Os campos unidimensionais podem ser classificados de três modos. O primeiro deles é o antonímico, caracterizado ora pelas oposições privativas ora por não lineares de caráter gradual. Aquelas oposições possuem uma bipolarização (as do tipo “x/ não x”), na qual há a presença de um elemento e de sua negação: como em bonito/ feio (ou “o não bonito”) e em simples/ complexo (ou “o não simples”). Já as oposições não lineares baseiam-se também na antonímia, mas possuem um caráter gradual. Os campos unidimensionais “estreito-largo” e “pequeno-grande”, por exemplo, são de caráter antonímicos, porém, suas oposições são colaterais no que se refere ao grau, haja vista que “grande-pequeno” pode abarcar também “enorme-minúsculo”, ampliação essa que não é possível perceber em “estreito-largo”.

Os campos unidimensionais graduais, por sua vez, comportam-se por oposições graduais, em que há um arquilexema correlativo à dimensão disposto ao lado de lexemas que a ele se alinham em diferentes graus de significados da substância semântica em questão. É o caso do arquilexema “temperatura” que possui a gradação dos seguintes lexemas “frio, fresco, morno, quente”. Diferentemente dos campos unidimensionais antonímicos de oposições não lineares, há nos unidimensionais graduais uma espécie de



“equilíbrio” ou “igualdade” com relação à quantidade de membros que pode haver nele.

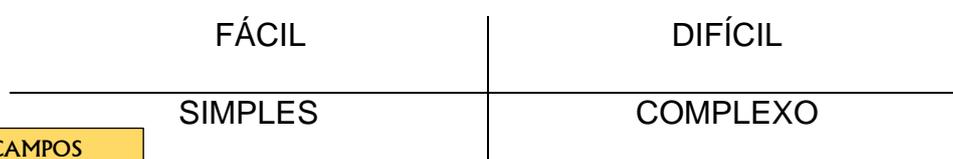
Há também os campos unidimensionais que funcionam ordenados em séries, tratando-se dos campos unidimensionais seriais. Não há neles uma polarização (como nos antonímicos), tampouco uma gradação (como nos graduais), mas há uma linearização dos elementos possuidores de um mesmo nível e de um estado semântico e lógico: estamos nos referindo dos os campos unidimensionais seriais. A título de exemplificação, apresenta-se, dentre outros existentes em nossa língua o campo unidimensional serial dos meses do ano (“janeiro-fevereiro-março-[...] – dezembro”) ou os nomes de plantas, aves, mamíferos. Cabe salientar que esse campo pode subdividir-se ainda em seriais ordinais (de caráter opositivo relacional, no qual possuem séries fechadas e de ordem fixa – como os meses do ano) e as seriais não ordinais (de caráter substantivo, de ordem não fixa e aberta à inclusão de novos lexemas – como o nome das flores, de animais, etc.).

Coseriu (1981) também percebe, nos campos lexicais, a coexistência de duas ou mais dimensões, isto é, os campos dimensionais pluridimensionais, que podem classificar-se em:

**Campos bidimensionais:** formados somente por duas dimensões. Estes podem subdividir-se ainda em:

**Campos bidimensionais correlativos:** consistem em um par de dimensões que, ao se cruzarem, constituem feixes de correlações. Estruturam-se na combinação de oposições polares do tipo “antonímia-sinonímia”. Na maioria das vezes, dessa correlação, obtém-se quatro lexemas pertencentes a esse campo, como, por exemplo, é possível perceber, no campo lexical “adjetivos referentes ao modo de compreensão das coisas”, as dimensões bipolares correlativas em:

**Figura 02:** Dimensões bipolares correlativas





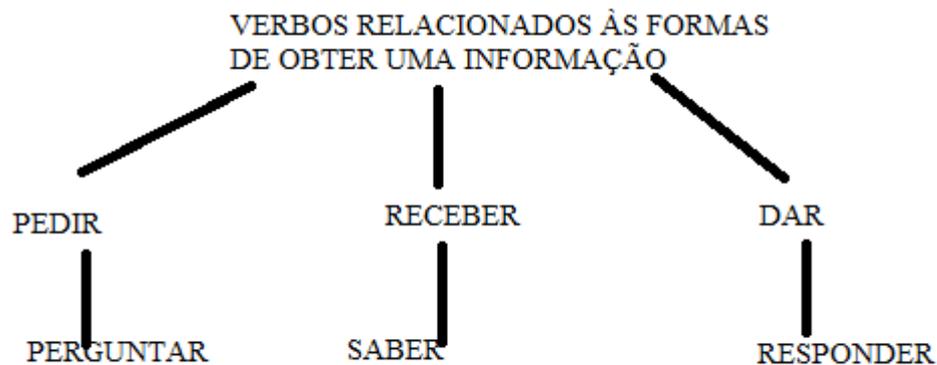
Há, portanto, na dimensão, as oposições polares (“fácil-difícil” e “simples-complexo”) combinadas assim como apregoa a teoria coseriana sobre tal modalidade de campo dimensional.

**Campos bidimensionais não correlativos:** consistem em duas seções diferentes que se relacionam por oposição de sinonímia ou de antonímia. No entanto, no interior de cada uma dessas seções, há oposições graduais em uma delas e, na outra, oposições equipolentes ou, até mesmo, pode ocorrer oposições equipolentes em ambas. É o caso da seção acromáticas em “branco-cinza-negro” e da seção de acromática, em “rosa, verde, amarelo” (no primeiro caso, temos uma oposição gradual – branco x negro – e, no segundo, uma equipolente – não há uma oposição entre “rosa x verde” ou “rosa x amarelo”. Cabe salientar que ambas as dimensões pertencem ao campo lexical “cor”.

**Campos multidimensionais:** há neles a possibilidade de mais de duas dimensões. Podem se classificar em:

**Campos multidimensionais hierarquizantes:** as dimensões estão dispostas de um modo sucessivo, sendo que há um arquilexema e, dentro dele, há outros arquilexemas sucessíveis, que lhe estão em um nível inferior, mas funcionam indiferentemente com relação às dimensões que lhes são superiores. É o caso, a saber, do campo lexical dos “verbos em língua portuguesa empregados para se obter uma informação”. Como se vê na figura 2, adaptada de Coseriu (1981), pode-se notar que a dimensão de “pedido de informação” é representada pelo arquilexema “pedir”. Dentro dele, parte uma ramificação que se direciona a um lexema que a ele se subordina (“perguntar”, haja vista que “pedir” adquire, neste caso, uma característica hiperonímica). Paralelamente a este arquilexema, há outros dois que possuem, cada um, outras ramificações de lexemas que a eles são hiponímicos (a dimensão referente à aquisição de informação é representada pelo arquilexema “receber” e seu hipônimo “saber”, assim como a dimensão de oferecimento da informação se dá pelo arquilexema “dar” e seu hipônimo “responder”). Uma vez que as distinções se dão paralelamente, como se nota no esquema, é lícito afirmar que o campo multidimensional hierarquizante é correlativo.

**Figura 03:** campos multidimensionais hierarquizantes

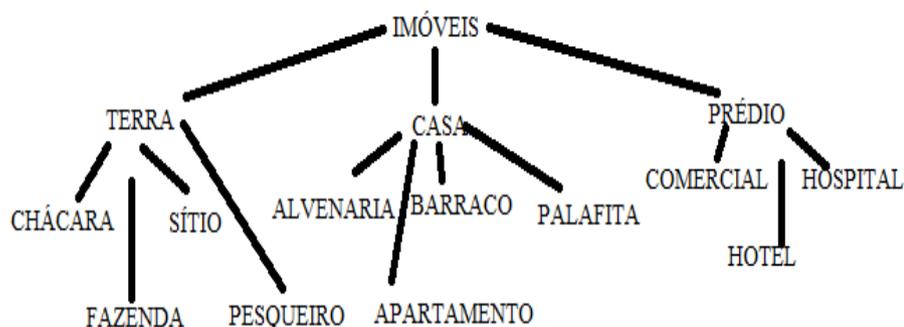


Fonte: elaboração do autor (2020)

Contudo, caso não aparecessem as ramificações de uma forma paralela, como no campo lexical “imóveis”, cujos arquilexemas de cada dimensão não se estruturam necessariamente paralelos aos outros arquilexemas das outras dimensões, como se nota na figura 3, encontram-se os campos multidimensionais hierarquizantes não correlativos.

72

Figura 04: Campos multidimensionais hierarquizantes não correlativos



Fonte: Elaboração do autor, a partir dos pressupostos de Coseriu (1981, p. 233-234), 2020

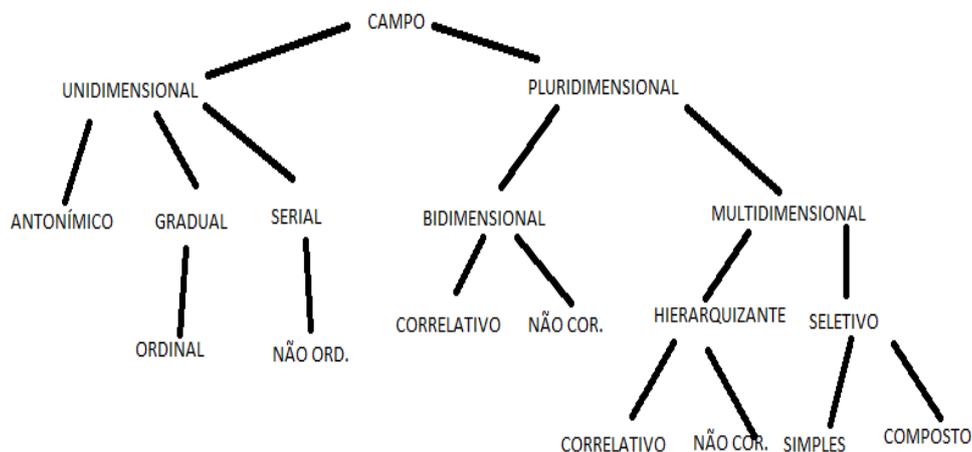


**Campos multidimensionais seletivos:** as dimensões, neste campo dimensional, não funcionam de um modo sucessivo, mas de uma só vez. As oposições ocorrem ao mesmo tempo e em todo o campo dimensional, não havendo traços indiferentes. É o caso do campo multidimensional “assento”, em que o sema /com encosto/ irá atuar em todos os membros, ou por sua presença ou por sua ausência, como em *cadeira*, *poltrona*, *pufe*: dentro do campo dimensional *cadeira*, podemos ter a *papal* e a *presidencial*, por exemplo. Já para *poltrona*, podemos encontrar a *biscoito fino* e a *bergère*. Para *puff*, pode haver o *baú* e o *infantil*. Logo, o sema /com encosto/ perpassa por todos os membros do campo. Além disso, os campos seletivos podem dividir-se ainda em simples (quando são constituídos por somente um arquilexema) e os compostos (constituídos por diversos lexemas que interferem uns nos outros).

Finalizando a discussão acerca das dimensões, o esquema elaborado por Coseriu (1981, p. 235) e apresentado a seguir sintetiza os campos dimensionais que, por sua vez, atuam nos campos lexicais. Nele, torna-se clara a percepção de que os campos dimensionais (e se pode estender isso também aos campos lexicais) potencialmente se unem, formando campos maiores, os quais, por sua vez, ligam-se a outros para constituir campos novos e assim sucessivamente.

73

**Figura 05:** campos dimensionais



Fonte: Coseriu (1981, p. 235)



Após toda essa discussão acerca da teoria dos campos, é lícito ainda destacar que ela não está isenta de críticas e limitações. Germain (1986), por exemplo, elenca algumas: i) a decisão de qual campo se irá trabalhar primeiramente parte muitas vezes de uma decisão arbitrária e subjetiva do pesquisador e não de um objetivo linguístico; ii) a escolha dos elementos que constituirão o campo pode ser também de cunho subjetivo (a não ser que seja um campo lexical reduzido, isto é, com poucas unidades, esse posicionamento pode tornar a análise insatisfatória); iii) ao se pautar em critérios linguísticos, torna-se muitas vezes difícil separar o que seja realmente linguístico do que seja sociocultural (como na construção de um campo lexical referentes a objetos sagrados, até que ponto determinar o que é linguístico e o que cultural nessa sacralidade?). Para tanto, o autor salienta que se deva buscar saídas metodológicas e com critérios para essas limitações.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo teve como propósito mostrar um panorama sobre a teoria dos campos lexicais, principalmente, as de base coserianas. Cabe salientar que, embora seja uma teoria que tenha seus inícios antes mesmo de Saussure, ainda é muito empregada nas investigações pertencentes às ciências do Léxico<sup>10</sup>. Além disso, conforme ressalta Abbade (2011, p. 1338):

Os estudos realizados até então já abrem caminhos importantes para a compreensão da estrutura das línguas, tornando a lexemática uma disciplina indispensável para a Linguística Aplicada no que diz respeito principalmente ao ensino das línguas, à lexicografia unilíngue e à teoria e prática da tradução.

Por fim, enfatiza-se que este artigo objetivou, principalmente, demonstrar e discutir os contornos da teoria dos campos lexicais, não se dedicando à exposição de exemplos mais aprofundados de aplicação desses pressupostos.

---

10 Como se pode notar em pesquisas brasileiras, tais como: Petter (1992), Natale (1999), Santos (2002), Peixoto (2007), Filho (2016), Cruz (2020), dentre muitos outros.



## REFERÊNCIAS

- ABBADE, C. M. S. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *Cadernos do CNLF*, v. 15, n. 5, p. 1332-1343, 2011.
- BIDERMAN, M. T. C. *A estrutura mental do léxico*. Estudos de filologia e lingüística, 1981. p. 131-145.
- CAMBRAIA, C. N. *Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis*. Revista de Estudos da Linguagem, v. 21, n. 1, p. 157-188, 2013.
- COSERIU, E. *Gramática, semántica, universales estudios de la lingüística funcional*. 2. ed. rev. Madrid: Gredos, 1987.
- COSERIU, E. *Principios de la semántica estructural*. Madrid: Gredos, 1981.
- CRUZ, T. J. *Bases para a elaboração de um dicionário ideológico de locuções: uma proposta*. 354 p. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2020.
- FILHO, N. L. Z. *Mudança semântica em palavras da Língua Portuguesa Brasileira? Movimentos de uma transgressão implícita*. 2016. 142 f. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens), Fundação Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul, Campo Grande, 2016.
- GECKELER, H. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Trad. Marcos Martínez Hernández. Madrid: Gredos, 1976.
- GEERAERTS, D. *Theories of lexical semantics*. Oxford: University Press, 2010.
- GERMAIN, C. *La semántica funcional*. Versión española de José Antonio Mayoral. Madrid: Gredos, 1986.
- GREIMAS, A. *Sémantique structurale: Recherche de méthode*. Paris: Larousse, 1966.
- LYONS, J. *Semântica I*. Tradução de Wanda Ramos, Lisboa: Editorial Presença/ Martins Fontes, 1977.
- MEYER, R. M. *Bedeutungssysteme*. Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen, vol. 43, no 4. H, 1910, p. 352-368.
- NATALE, V. L. *O campo semântico do riso*. 1999. 409 f. Dissertação de mestrado (LETRAS CLÁSSICAS). UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo. 1999.
- PEIXOTO, L. M. C. F. *A fala do vaqueiro do sertão baiano: análise semântico-lexical*. 2007. 185 f. Dissertação de Mestrado (Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- PETTER, M. M. T. *A Construção do significado de fani "pano e vestuário" em Diula*. 1992. 325 f. Tese de Doutorado (Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

POTTIER, B. *Gramática del español*. 2. ed. Madrid, SPA: Alcalá, 1971.

SANTOS, S. S. B. *Estudos geolinguísticos de aspectos semântico-lexicais do campo semântico 'alimentação e cozinha' (questionário do Alib) no município de Sorocaba*. 2002. 237 f. Dissertação de Mestrado (LINGÜÍSTICA). UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo, 2002.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2001 [1945].

VILLAFANE, R. *El campo léxico-semántico de los apelativos cromáticos de los equinos en el español de Venezuela*. Letras, v. 49, n. 74, p. 67-91, 2007.



**Recebido em 10 de abril de 2021.**

**Aprovado em 22 de junho de 2021.**

76